



# ELEIÇÕES 2016 E NOVOS RUMOS POLÍTICOS

## 2016 ELECTIONS AND NEW POLITICAL ROUTES

Arthur Grünewald Zarantoneli Bastos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo se propõe a explicar a derrota do Partido dos Trabalhadores (PT) nas últimas eleições municipais no ano de 2016, e a consequente vitória dos partidos opositores. Como poderíamos rever uma mudança de comportamento dos eleitores na urna eletrônica em comparação com as eleições municipais de 2012, quando o mesmo partido ganhou em importantes cidades do Brasil, por exemplo: São Paulo e em seu tradicional “berço político” o ABC paulista Formado pelas cidades Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano.) e nas eleições seguintes perdeu para partidos opositores, como na cidade de São Paulo capital em primeiro turno para o rival PSDB. A derrota petista ainda pode ser explicada, por conta de uma série de escândalos envolvendo os mais altos líderes da classe política, aonde o Partido dos Trabalhadores foi um dos alvos da maior operação anti-corrupção realizada pela polícia federal chamada de operação “Lava Jato” e também o Impeachment da ex-presidente da república Dilma Vana Rousseff e causando um abalo político na imagem do partido. Ainda tentarei explicar os novos rumos políticos que o Brasil e o mundo podem adotar a partir das próximas eleições. Neste artigo explicarei os temas através de artigos acadêmicos e livros, tentando ser o mais imparcial possível.

**Palavras-chave:** Eleições. Partido do Trabalhadores. Comparação 2012x2016.

### ABSTRACT

This article proposes to explain the defeat of the Workers Party (PT) in the last municipal elections in 2016, and the consequent victory of the opposition parties. How could we review a change in voter behavior in the electronic ballot box compared to the municipal elections of 2012, when the same party won in important cities in Brazil, for example: São Paulo and in its traditional "political cradle" ABC São Paulo Formed by São Bernardo do Campo and São Caetano.) and in the following elections lost to opposition

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciência Política pela Uninter. E-mail: <arthurzarantonelli@gmail.com>.

parties, as in the city of São Paulo capital in the first round for rival PSDB. The PT defeat can still be explained by a series of scandals involving the highest political-class leaders, where the Workers' Party was one of the targets of the largest anti-corruption operation conducted by the federal police called Operation Lava Jato, and also the Impeachment of the former president of the republic Dilma Vana Rousseff and causing a political upheaval in the party's image. I will still try to explain the new political directions that Brazil and the world can adopt from the next elections. In this article I will explain the topics through academic articles and books, trying to be as unbiased as possible.

**Keywords:** Elections. Workers' Party. Comparison 2012x2016.

## 1 COMPARAÇÃO DO RESULTADO DAS ELEIÇÕES 2012 X 2016

Os resultados da eleição de 2012 em comparação a eleição de 2016, foi desastroso para o Partido dos Trabalhadores, não só na capital paulista, mas em “berço eleitoral o ABCD Paulista (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, e Diadema), região da grande São Paulo. Segundo pesquisas apuradas em diversos sites na rede mundial de computadores é possível encontrar que nas eleições municipais de 2012: O PT elegeu 638 prefeitos em todo Brasil, já nas eleições municipais de 2016, o partido encolheu, elegendo apenas 256 prefeitos. Porém sem dúvida a derrota que mais enfraqueceu o partido foi na capital São Paulo, em 2012 o partido conseguiu eleger o ex-ministro da educação Fernando Haddad, porém quatro anos depois, nas eleições de 2016, o PSDB (maior partido de oposição ao PT) conseguiu derrotar em 1º turno Fernando Haddad que buscava a reeleição, com o empresário Joao Dória Junior. A única capital que o Partido dos Trabalhadores conseguiu eleger um prefeito, foi em Rio Branco, capital do Acre, fazendo assim o partido amargar seu pior desempenho da história do partido. Para explicar de maneira concreta, uso um artigo de Rogério Schmitt, que faz uma análise sobre o resultado das eleições municipais de 2016 em comparação com as eleições de 2012, diz:

Por outro lado, os dois rankings não são exatamente idênticos. O PMDB foi o partido que mais prefeitos elegeu (18,7% do total). Porém, foi o PSDB a sigla que recebeu mais votos para prefeito (17,2% do total). Mais 4 partidos (PSD, PP, PR e PTB) elegeram uma proporção de prefeitos superior às suas votações – o que

pode ser tomado como uma estratégia eleitoral eficiente. Em compensação, outras 4 legendas (PSB, PT, PRB e PPS) elegeram menos prefeitos do que seria de se esperar com base na votação que tiveram (o que representa uma estratégia eleitoral ineficiente). Finalmente, 3 partidos (PDT, DEM e PV) praticamente repetiram o mesmo desempenho percentual nas duas variáveis. (SCHMITT, Rogério)

O Cientista Político Rogério Schmitt usou em seu artigo um gráfico interessante que está disponível no site do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Aonde mostra o resultado comparados nas duas eleições comparados.

## 2 CRISE ECONÔMICA E POLÍTICA DE 2015 – 2016

Além de uma crise política, o Brasil entrou também em um grave crise econômica, logo após a sua reeleição, A Presidente Dilma nomeia para o Ministério da Fazenda, Joaquim Levy, um economista experiente, porém diferente do perfil de seu antecessor Guido Mantega, Joaquim Levy foi encarregado de implementar um ajuste fiscal, ou seja, a proposta que fora apresentada pelo principal candidato da oposição nas eleições presidenciais de 2014 , o senador mineiro Aécio Neves, do PSDB. Octavio Amorim Neto mostra seu artigo uma explicação que nos permite chegar afirmação:

A queda dos preços dos bens primários nos últimos anos e o início do fim, em maio de 2013, dos estímulos monetários oferecidos pelo Banco Central dos Estados Unidos desde o início da crise financeira de 2008, ambos levando à desvalorização da moeda brasileira, um inegável choque para a economia do país. Essa foi a posição do governo Dilma e da maioria dos economistas heterodoxos. Vários simpáticos ao PT reconheceram alguns erros de condução política e econômica por parte da ex-presidente, mas atribuem a crispação do ambiente político à parcialidade da Operação Lava Jato e da imprensa conservadora contra o PT. (NETO, Octavio Amorim.)

Nesta parte de seu artigo o autor explica um pouco do agravante da crise nos anos de 2015 e 2016, que merece um destaque pois se explicar essa crise Política/econômica nestes anos.

## 2.1 Movimentos Pró-Impeachment

Durante os anos de 2015 e 2016 aconteceram uma onda de manifestações favoráveis ao Impeachment da então presidente Dilma Rousseff, tais movimentos foram considerados como maiores desde as Diretas-Já. O anti-petismo foi a marca de todos aqueles que resolveram sair as ruas em diversas ocasiões durante estes dois anos. Diversos manifestantes foram as ruas protestas contra a corrupção, a favor da operação do polícia federal denominada como “Lava- Jato). Chegou inclusive a surpreender a governo petista com a quantidade de manifestantes que foram as ruas em diversas datas, sempre aos domingos. Pesquisando um artigo científico de autoria de Célia Regina Jardim Pinto, a autora descreve o que exatamente o que foi as manifestações que surgiram no Brasil a partir de 15 de Março de 2015:

O terceiro momento das manifestações aconteceu precisamente no dia 15 de março de 2015, em todo o país, com o tema específico do impeachment da Presidenta Dilma. As manifestações do dia 15 foram as maiores em número de pessoas presentes até então. Segundo o Instituto Datafolha, só na cidade de São Paulo havia 210 mil pessoas nas ruas. O cálculo geral em todo o país chegou a 2 milhões... (PINTO, Céli Regina Jardim.)

Este artigo não entrará muito nesta questão, pois não é a ênfase do mesmo, porém considero importante colocar para uma pequena e breve discussão, pois foi um fator decisivo para o resultado das Eleições Municipais de 2016. Podendo ser este um tema para um futuro artigo científico.

## 2.2 Impeachment da presidente Dilma Rousseff

Após uma grande onda de manifestações por todo Brasil, o Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB/RJ) aceitou o pedido de Impeachment protocolado pelos Juristas: Miguel Reale Junior, Hélio Bicudo e Janaina Paschoal no final de 2015. O desfecho deste fato, aconteceu 31 de agosto de **2016**. Pesquisando um artigo científico de NETO

(2016) o autor explica o que ocorreu durante o processo de Impeachment de Dilma de uma forma resumida:

No dia 2 de dezembro de 2015, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha – filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), principal aliado do PT –, valendo-se dos seus poderes constitucionais, aceitou um pedido de destituição da então Presidente. Na primeira votação em plenário relativa ao pedido, realizada naquela casa legislativa no dia 17 de abril de 2016, 71,5 por cento dos deputados optaram pelo envio do processo por crime de responsabilidade ao Senado, 26,7 por cento opuseram-se a tal decisão. Na votação derradeira no Senado ao final de agosto, 75,3 por cento dos seus membros sufragaram a suspensão definitiva de Dilma; 27,7 por cento mantiveram-se ao lado da líder do PT. (NETO, Octavio Amorim)

A Ex-presidente Dilma Rousseff sofreu o processo de Impeachment como base no crime de responsabilidade fiscal, um artigo do Professor Adilson Abreu Dallari explica o motivo da cassação:

É preciso, também, ficar bem claro que crime de responsabilidade não é infração penal, mas, sim, uma infração político-administrativa. A denominação pode ser enganosa para os leigos, mas a CF, no Art. 68, separa uma coisa da outra, dizendo que o Presidente será julgado pelo Supremo Tribunal Federal se cometer algum crime comum (matar alguém), observando-se o rito estabelecido no Código de Processo Penal, mas será julgado pelo Senado Federal, nos crimes de responsabilidade (atentar contra a lei orçamentária), após aceita a denúncia formulada perante a Câmara dos Deputados,... No caso da Presidente Dilma Rousseff, esses requisitos foram observados de maneira superabundante, como se tratasse de um processo penal (que, como visto, não é). Nos exatos termos da Constituição Federal, a Presidente deveria ter sido afastada de seu cargo após admitida a acusação por dois terços dos deputados (representantes do povo), mas, isso não ocorreu senão depois que os senadores (representantes dos Estados) ratificassem a decisão soberana da Câmara. Isso ofende a Constituição, degrada a Câmara dos Deputados, mas em benefício da acusada... Por último, a demora no julgamento não trouxe qualquer prejuízo para a acusada, mas somente para o Vice-Presidente (eleito pelo povo, pelo voto direto, com a mesma votação da titular do cargo), que ficou na incômoda situação de interino por muito tempo, e para o Brasil, que permaneceu em estado latente, esperando o desfecho, com inegável insegurança jurídica e econômica, em meio a uma das mais graves crises da sua história.” (DALLARI. Adilson Abreu)

Sem dúvida o impeachment da ex-presidente Dilma foi um fator decisivo para a derrota política de seu partido nas eleições municipais de 2016, que ocorreu pouco mais de um mês depois. Por exemplo: O PSDB que desde a redemocratização, sempre foi o maior partido adversário e PMDB, que pós impeachment se tornou adversário eleitoral, foram os partidos que mais se beneficiaram e aumentaram suas representatividades nas prefeituras. Por exemplo no caso da eleição municipal em São Paulo capital Joao Dória (PSDB) derrotou Fernando Haddad em primeiro turno com quase 54% dos votos. E pós impeachment as candidaturas petistas foram derrotadas nas principais capital brasileiras.

### **2.3 Reflexo da crise nas eleições municipais de 2016**

Na primeira eleição em quem candidatos não puderam contar mais com doações de pessoas jurídicas(empresas), e com um tempo reduzido pela metade, de 90 dias para 45 dias de campanha, sem dúvida, foi a eleição mais difícil para todos os candidatos. A eleição começou dia 16 de Agosto, e ficou claro o reflexo da crise política durante todo processo eleitoral. Resultado disso foi a vitória de “Políticos não profissionais” em grandes cidades por exemplo: O empresário Joao Dória Junior em São Paulo(SP), e do também empresário Alexandre Kallil em Belo Horizonte (MG). Outro ponto interessante de ser analisado foi a derrota eleitoral do PT em seu reduto eleitoral: o grande ABCD paulista. Em São Bernardo do Campo (SP) aonde praticamente o Partido dos Trabalhadores foi criado na década de 1980, Orlando Morando do PSDB derrotou em 1º turno o candidato petista, apoiado e apadrinhado político do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva. Em todo estado de São Paulo o PT ficou apenas com oito prefeituras, resultado muito inferior ao da eleição de 2012. Em seu principal reduto eleitoral em eleições presidenciais, o partido dos trabalhadores também não teve nenhum prefeito nas capitais do Nordeste. Em 2016, o partido perdeu João Pessoa, a única prefeitura que tinha na região, em todo nordeste o PT tem apenas uma vice-prefeitura. Além de ficar de fora do segundo turno da disputa na capital

Mineira Belo Horizonte , estado no qual é governado pelo Petista Fernando da Matta Pimentel, já esta derrota foi bastante desanimadora para o Senador Aécio Neves(PSDB), pois o candidato tucano o Deputado Estadual Joao Leite, perdeu para o empresário Alexandre Kallil(PHS), Kalil ganhou de virada no segundo turno, pois no primeiro turno Joao Leite estava em primeiro lugar.

## 2.4 Novos prefeitos que nunca foram políticos

No dia 30 de outubro de 2016, o Brasil já conhecia os novos prefeitos e vereadores que iriam comandar os mais de 5.570 municípios brasileiros pelos próximos quatro anos. E alguns novos nomes surgiram como novidade e mostraram uma nova tendência eleitoral. Ao que tudo indica, o povo brasileiro cansou do tradicional político. Um exemplo claro, aconteceu em São Paulo, o empresário João Dória filho, nunca tinha disputado uma eleição, derrotou em primeiro turno, o ex-ministro da educação e ex-prefeito Fernando Haddad, além de nomes como: As Ex-Prefeitas Marta Suplicy(PMDB) e Luiza Erundina(PSOL), o Deputado Federal Celso Russomuno(PRB). O mesmo ocorreu em Belo Horizonte/MG, Alexandre Kalil(PHS) outro empresário que também nunca tinha disputado nem um cargo público, também foi eleito, derrotando o deputado estadual João Leite, e outros políticos. No Rio de Janeiro, foi um caso diferenciado o Senador Marcelo Crivella(PRB) que é Bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus, derrotou em segundo turno o Deputado Estadual Marcelo Freixo(PSOL), já neste caso foi uma batalha entre a Direita, representada por Marcelo Crivella e a esquerda, representada por Marcelo Freixo, Neste caso a direita saiu vitoriosa.

## 2.5 Vitória de partidos opositores nas eleições de 2016

Desde o Impeachment até o fim das eleições municipais de 2016, os partidos que antes eram oposição ao governo do PT, foram os maiores vitoriosos, o PSDB por exemplo ganhou 14 das 19 prefeituras que disputou em segundo-turno. Já o PMDB que até 2015 era aliado do PT e depois foi

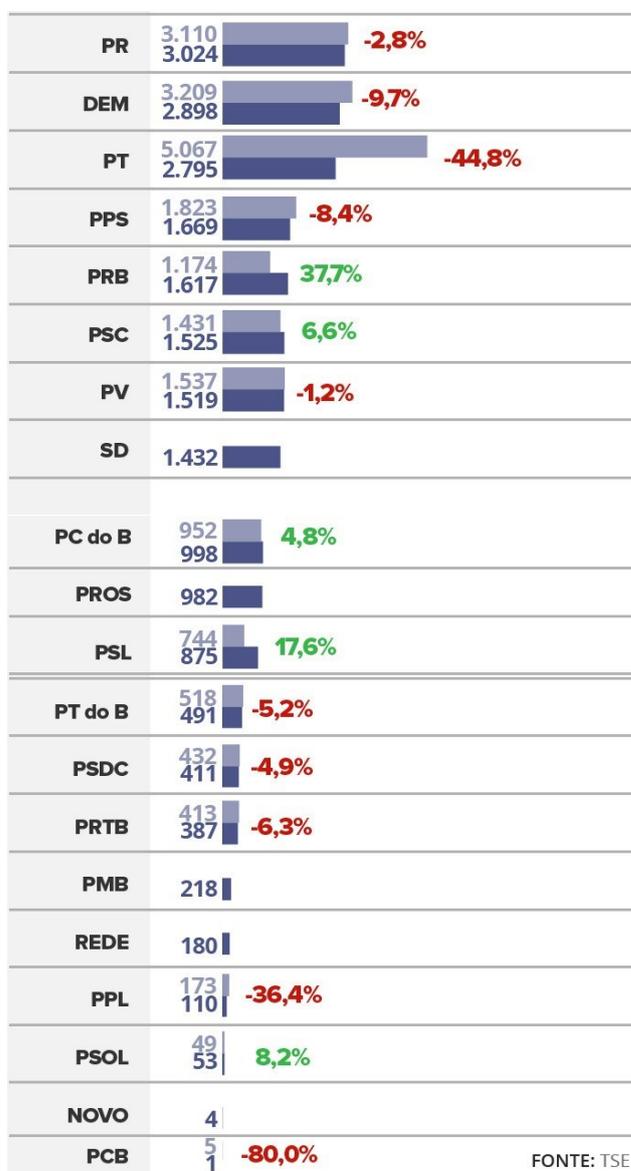
## Desempenho dos partidos nas prefeituras

PMDB conquistou maior número; PT encolheu



para a oposição, e virou governo, foi o Brasil. Para demonstrar disponível no site do

antoneli Bastos  
rio de 2016,  
os em todos  
o que está



FONTE: TSE

## 2.6 Novos tendências políticas

Se levarmos em consideração o resultado apresentado nas eleições municipais de 2016, podemos ver uma nova tendência política se formando. Falo isso em base de dados acima apresentados, o PT (Partido dos Trabalhadores) e outros partido da esquerda, na última eleição tiveram uma desastrosa derrota, e seus piores desempenhos nos últimos 20 anos<sup>5</sup>. Porém se acompanhar pelas redes sociais, crescem a cada dia uma tendência de políticos de direita, e aqueles que nunca disputaram qualquer cargo, conquistarem mandatos importantes nas próximas eleições. É o caso do Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, Jair Messias Bolsonaro, que vem conquistando um grande espaço, de acordos com pesquisas divulgadas nos últimos anos. Outro exemplo que já usei, mas me permito a repetir é o caso do Prefeito de São Paulo o empresário João Dória Junior, que até as eleições 2016 nunca tinha disputado uma eleição, porém usou de recursos de marketing e apostou pesado no que o eleitor queria ouvir, fez uma campanha sem ataques no estilo “Lula x Collor eleições de 89” e com mais propostas. O eleitor ao votar em João Doria ou Alexandre Kalil em Belo Horizonte/MG, deixou claro o que espera para um futuro não muito longe, mas já para as próximas eleições presidenciais. Uma forte tendência eleitoral é o caso do Presidente dos Estados Unidos da America, O Republicano Donald Trump. Que venceu as eleições pelos votos dos delegados (lembrando que o sistema eleitoral americano é totalmente diferente do sistema eleitoral brasileiro.) a adversária, a Democrata Hillary Clinton. A grande mídia americana e também a mundial, tentou convencer o mundo que a candidata Hillary ganharia de Trump, porém em Novembro de 2016, o resultado foi completamente diferente. Porém se avaliarmos a tendência eleitoral do povo americano desde 1920, é não deixar que um Republicano ou Democrata fiquem mais de 08 anos no poder. Uso o exemplo de Trump para demonstrar que não só no Brasil, mas no mundo, o estilo de político que o eleitor tem escolhido é diferente. O americano presidente Donald Trump também é um empresário, bem-sucedido em seus negócios. Muito provavelmente foi este perfil que levou Trump a ser escolhido para ser o candidato Republicano, e

fez um partido conservador a trocar a imagem do político tradicional por um homem com o perfil citado acima. Mas voltando a realidade brasileira, vimos nos casos acima citado, que ficou claro que o eleitor não deseja mais um “político de carreira” ou os tradicionais políticos, sendo que a maioria de todos os partidos políticos estão envolvidos em escândalos de corrupção, isso explica uma outra grande tendência política que vem se formando nas últimas eleições, o não comparecimento dos eleitores nas urnas eleitorais. Ainda sobre o numero de abstenção de eleitores nas eleições 2016, o Tribunal Superior Eleitoral<sup>6</sup> informou no dia 30 de outubro de 2016, que o número de eleitores que não compareceram às urnas no segundo turno das eleições municipais, somado aos votos brancos e nulos, foi de aproximadamente 10,7 milhões de pessoas. Ainda de acordo o resultado total das eleições de 2016, O total de eleitores que não votaram em ninguém no segundo turno das eleições no Rio de Janeiro supera o total de votos recebidos pelo prefeito da cidade, Marcelo Crivella (PRB). Crivella recebeu 1.700.030 votos, enquanto a soma de eleitores que votaram branco ou nulo com os que não foram às urnas chegou a 2.034.352 cariocas. No total, o Rio tem 4.898.044 cidadãos habilitados a votar. Com isso, Crivella venceu Marcelo Freixo (PSOL) com 59,36% dos votos válidos (votos totais menos brancos e nulos), mas recebendo o voto de apenas 34,7% do eleitorado total do Rio de Janeiro. Se fizermos uma avaliação técnica, avaliamos que esse comportamento tem crescido nas últimas três eleições, 2012, 2014 e 2016. É um indicativo de que há uma grande insatisfação com o sistema político, estamos com um sistema político com baixa representatividade. As pessoas estão clamando por um conjunto de reformas. Isso fica evidente no comportamento do eleitor nestas últimas eleições. Se analisarmos o que foi pedido pelos eleitores em todas manifestações populares que ocorreram no Brasil de 2013 para o ano vigente, nada foi feito! Infelizmente a abstenção de eleitores nas últimas três eleições é uma resposta de insatisfação com atual sistema político brasileiro. Uma das pautas apresentadas nas manifestações de 2013, foi o fim do voto obrigatório, esta poderia ser uma solução para esse problema que a cada eleição só aumenta.

## 2.7 Novos rumos político no *marketing* nas redes sociais

Desde às eleições de 2008 ficou muito claro a força e uso do marketing eleitoral nas redes sociais. Nas eleições de 2016 na campanha vitoriosa de João Dória Junior (PSDB) o marketing eleitoral foi usada com muita força e o uso das “hashtag” Acelera São Paulo foi fundamental para que as idéias do candidato chegassem ao seu público alvo. Lendo um livro sobre Marketing Político achei o de Cid Pacheco (1993) diz que na expressão marketing político o substantivo é marketing e político é o adjetivo. Segundo o autor, o crescimento do papel do marketing nas eleições é tamanho que:

hoje é simplesmente inimaginável uma eleição puramente política, sem contribuição substancial do marketing. (...) A ideia central nesse constructo é que política e eleição são processos diferentes entre si. Imbricam-se, mas não se confundem. Se, naquele, “o primado é do político”, neste “o primado é do eleitor”, essa grande massa desinteressada — ou melhor — indiferente à política. Por isso, tenho afirmado que a operacionalização do processo eleitoral consiste, em última análise, na “administração da indiferença”, ou seja: trata-se de um processo predominantemente mercadológico porque essencialmente oligopolitizado. (Pacheco, Cid)

Lendo um artigo científico sobre Marketing, encontrei a expressão de Denise Barros que diz:

O marketing político é normalmente tratado como uma subárea do marketing e, acompanhando a visão dominante desta disciplina, é visto como essencialmente utilitário. Conforme notamos, é corrente a comparação entre o ato de comprar e o ato de votar. Mas essa analogia pode esconder algumas diferenças mais explicativas do que as semelhanças que existem entre o marketing comercial e o político. (Barros, Denise. 2012).

O Marketing político hoje é uma peça fundamental para os eleitores nos tempos atuais, principalmente pelo fato de a reforma eleitoral apresentada em setembro de 2015, diminuiu o tempo de campanha de televisão, e o tempo de campanha eleitoral de noventa para quarenta e cinco dias. Sendo assim os “marqueteiros” trem preferido apostar nas redes sociais para conquistas o voto de seus eleitores. As eleições municipais de 2016, foi

quase toda baseada nas redes sociais( como: Facebook e Twitter), se olharmos os perfis dos candidatos a vereador(a) e a prefeito(a) nas mais variadas redes sociais, vemos até hoje suas propostas e a interação com o eleitor(a). Nas eleições presidenciais americanas de 2008, vimos o caso então Senador Barack Obama que naquele mesmo ano se elegeu o primeiro presidente negro dos Estados Unidos da America, com um Marketing forte que dizia : “Yes we can” traduzido para o português “ Sim nos podemos”, e levou milhares de eleitores norte americanos a ir votar. Assim como já disse acima, o prefeito de São Paulo João Dória Junior, usou como slogan de campanha: “#AceleraSP. O resultado já citei acima, derrotou em primeiro-turno o petista e que era atual prefeito, Fernando Haddad, além de deixar a ex-prefeitas Marta Suplicy(PMDB) e Luiza Erundina(PSOL) com baixa votação.

## 2.8 Novos rumos: direita ou esquerda?

Um novo rumo que me permito apresentar neste artigo, é a virada do Brasil para a direita, seguindo uma tendência mundial, afirmo isto com base no que Adriano Codato nos apresenta:

Em 2014, a direita brasileira voltou a crescer no Parlamento, revertendo o movimento de queda constante do número de representantes na Câmara dos Deputados que se observava desde 1998. Em 2010 os partidos conservadores ganharam 36,3% das cadeiras; em 2014, 43,5%. (CODATO,Adriano. 2015)

Ainda de acordo com o autor, podemos analisar, uma tendência mundial surgindo para a Direita, ficou evidente nos seguintes países: Grécia, Alemanha, Argentina, Reino Unido, Hungria, Chile. Em outro texto deste artigo, o autor nos explica um pouco mais desta tendência:

Na Europa, a direita também tem apresentado avanços eleitorais importantes. Além disso, há o retorno da extrema-direita à cena política (Ennser, 2010; Mudde, 1996; Norris, 2005) como mostram os casos da Grécia (Aurora Dourada), Alemanha (NPD), Reino Unido (Ukip) ou Hungria (Jobbik). Baseados em plataformas anti-

imigração e céticas em relação à integração do continente, os partidos europeus de extrema-direita – sendo os mais conhecidos a Frente Nacional da França e a Liga Norte da Itália – renovam o discurso do período dos totalitarismos. Em 2014, cerca de 140 deputados “eurocéticos” foram eleitos ao Parlamento Europeu. Na América Latina, há também, desde o final do século XX, uma reconfiguração do campo conservador e a ascensão ideológica e eleitoral de uma nova direita na Argentina (PRO) e no Chile (Evópoli). (CODATO, Adriano.2015)

Confirmando um pouco desta tendência, o Brasil segue este rumo. Afirmo isto pelo perfil dos Prefeitos eleitos, no pleito de 2016. Permito-me citar alguns nomes que reforçam o meu pensamento: João Dória Junior(PSDB) Prefeito de São Paulo, Alexandre Kalil(PHS) Prefeito de Belo Horizonte, Marcelo Crivella(PRB) Prefeito do Rio de Janeiro, ACM Neto (DEM) Prefeito de Salvador. Alguns destes nomes acima citados foram eleitos em primeiro turno das eleições municipais, ou seja: eleitos por mais de 50% dos votos válidos. Um outro ponto que acredito que reforce minha ideia é o fato de partidos de esquerda, terem sofrido grandes derrotas nos pleitos municipais. Uma questão que explica o crescimento da chamada pelo autor “Nova Direita” é o surgimento de algumas legendas com doutrinas mais conservadoras:

O surgimento de um novo partido conservador em 2011, o PSD (Partido Social Democrático), liderado por Gilberto Kassab (dissidente do DEM), a força eleitoral do PSC (Partido Social Cristão), representando a comunidade evangélica e sua agenda moralizante, e a transformação do antigo PFL em DEM deram fôlego para a direita num contexto de hegemonia de governos de centro-esquerda. (CODATO, 2015)

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que a ideia de uma renovação política neste momento frágil para nossa atual democracia é de fundamental importância. O eleitor cansou de votar nos políticos atuais e querem novos políticos sem ser “políticos profissionais”. Um novo perfil apontado pelo eleitor nas Eleições Municipais de 2016, foi de um candidato que nunca antes ocupou cargo

político (como exemplo: João Dória Junior Prefeito de São Paulo e Alexandre Kalil Prefeito de Belo Horizonte, com a exceção do Prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Crivella.). O resultado das urnas em 2016 decretou a enfraquecimento de partidos de esquerda e fortalecimento de partidos de centro-direita. Resultado disto foi a derrota do PT (Partidos dos trabalhadores) em seu “berço eleitoral” o ABCD Paulista e no nordeste brasileiro. O enfraquecimento do partido acima citado, foi em razão de seu envolvimento com a corrupção e como sendo vítima principal da operação “Lava Jato”, que originou os movimentos de rua apartidários de 2015/2016 conhecido como “Fora Dilma” e posteriormente o Impeachment da ex-presidente Dilma Rouseff e o enfraquecimento eleitoral do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva devido seu forte envolvimento como réu na operação da polícia federal acima citada. Foi apontado neste artigo quais seriam os novos rumos políticos do Brasil de acordo com os resultados das eleições municipais. A direita se fortaleceu e a esquerda encolheu depois de 30 anos de fortalecimento das legendas que se autodenominam como extrema-esquerda. É importante ressaltar que a política na internet permanece em constante evolução, e as mídias sociais foram de extrema importância para o crescimento e enfraquecimento de diversos candidatos. Sendo assim é possível ressaltar que os novos rumos políticos do Brasil para as próximas eleições é do eleitor optar por eleger candidatos de direita, ainda que esquerda se fortaleça, perdeu a confiança de seu eleitorado mais fiel.

#### 4 REFERÊNCIAS

SCHMITT, Rogério. Como avaliar resultados partidários em eleições municipais?. Disponível em: <<http://espacodemocratico.org.br/artigo/rogerio-schmitt-como-avaliar-resultados-partidarios-em-eleicoes-municipais/>>. Acesso em: 01 de fevereiro. 2018.

DALLARI, **Adilson Abreu**. Impeachment: um julgamento republicano. Disponível em <http://itv.org.br/pensando-o-brasil/combate-a-corrupcao/um-julgamento-republicano-e-constitucional-por-adilson-dallari/>. Acesso em: 21 de fevereiro. 2017.

PACHECO, Cid. Marketing político versus marketing eleitoral. In: PACHECO, Cid. Voto é marketing? Rio de Janeiro: UFRJ-ECO, 1993.

BARROS, Denise Franca; SAUERBRONN, João Felipe Rammelt; AYROSA, Eduardo André Teixeira. Representações do eleitor: revendo teorias e propondo novos caminhos. 2012.

Neto, Octavio Amorim. (2016). The 2015-2016 Brazilian political crisis: diagnostic, lesions and prophylaxis. *Relações Internacionais (R:I)*, (52), 43-54. Recuperado em 19 de Fev de 2018, [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S16459199201600400004&lng=pt&tlng=en](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16459199201600400004&lng=pt&tlng=en) acesso em: 19 de Fev de 2018

NETO, Octavio Amorim. A crise política brasileira de 2015-2016: Diagnóstico, sequelas e profilaxia. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 52, p. 43-54, dez. 2016. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-91992016000400004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992016000400004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 01 mar. 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. A TRAJETÓRIA DISCURSIVA DAS MANIFESTAÇÕES DE RUA NO BRASIL (2013-2015). *Lua Nova*, São Paulo, n. 100, p. 119-153, Jan. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452017000100119&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452017000100119&lng=en&nrm=iso)>. acessos em 02 Mar. 2018.

CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. *Direita, volver*, 2015. Disponível em <[https://www.alainet.org/sites/default/files/direita\\_volver\\_final.pdf](https://www.alainet.org/sites/default/files/direita_volver_final.pdf)>. acessos em 02 Mar. 2018.